



CUBA/Ex-presidente Raúl Castro, irmão de Fidel, entrega o cargo de primeiro secretário do Partido Comunista e encerra seis décadas de controle da família sobre a ilha. Em seu discurso na abertura do congresso, ele defendeu diálogo e novo tipo de relação com os EUA

O fim de uma era

» RODRIGO CRAVEIRO

Raúl Castro estava com o irmão, Fidel, quando os revolucionários tomaram de assalto o Quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, em 26 de julho de 1953. Seis anos depois, eles depuseram o ditador Fulgencio Batista. Raúl também foi o braço-direito e o conselheiro de Fidel até a morte do comandante, em 25 de novembro de 2016. Até 19 de abril de 2018, governou Cuba, quando transmitiu o poder a Miguel Díaz-Canel. Ontem, no 60º aniversário da proclamação do caráter socialista da Revolução Cubana e aos 89 anos, Raúl presidiu o 8º Congresso do Partido Comunista de Cuba (PCC) e anunciou oficialmente a renúncia ao cargo de primeiro secretário da legenda, o mais alto do país. “Concluí minha tarefa como primeiro secretário (...) com a satisfação de tê-la cumprido e com a confiança no futuro da pátria”, afirmou, em meio a aplausos. Ele ressaltou que nada o obrigou a tomar a decisão de se afastar. “Acredito ferrosamente na força e no valor do exemplo e na compreensão dos meus compatriotas.”

Pela primeira vez em seis décadas, a família Castro não exercerá o poder em Cuba. “Continuarei militando como um combatente revolucionário a mais”, declarou ele, após defender “um maior dinamismo ao processo de atualização do modelo econômico e social” que vigora na ilha socialista e demonstrar o desejo de dialogar com os Estados Unidos. “Ratifico, desde este congresso do Partido, a vontade de desenvolver um diálogo respeitoso e edificar um novo tipo de relação com os Estados Unidos”, sem renunciar “aos princípios da revolução e do socialismo”.

Em seu último grande discurso, diante do Birô Político do PCC e de 300 delegados do partido, Raúl destacou que não se pode exigir de Cuba a renúncia “à autodeterminação dos povos” — segundo ele, um princípio da sua “política externa, comprometida com as causas justas” e com “o histórico apoio a países irmãos”, em alusão à Venezuela. A transição no comando do PCC marca a

AFP



Concluí minha tarefa como primeiro secretário (...) com a satisfação de tê-la cumprido e com a confiança no futuro da pátria”

Raúl Castro, ex-presidente de Cuba e agora ex-primeiro secretário do Partido Comunista de Cuba (PCC). Na foto, ele é aplaudido durante congresso

continuidade, como Miguel Díaz-Canel disse”, admitiu ao **Correio** o escritor e dissidente Orlando Luis Pardo Lazo, morador de Havana. “O cidadão comum sabe, de sobra, que nenhuma transformação positiva sairá deste congresso. As décadas de fracassada administração da economia, combinadas ao impacto da pandemia do coronavírus, desembocaram em profunda crise humanitária. Sem apenas o petróleo fluindo da Venezuela, o regime teve que implementar uma mudança monetária às pressas, o que fez com que a inflação disparasse. A esperança dos ditadores está em convencer a gestão democrata dos Estados Unidos para que saiam em seu resgate, por meio da reversão de sanções impostas por Donald Trump”, acrescentou.

Lazo acredita que Raúl pretenda permanecer no poder de modo autocrático, sem ser importunado por rivais, ainda que “oficialmente” fora do PCC e do governo. O jornalista independente Héctor Valdés Cocho, integrante do Movimento San Isidro (de protesto à censura nas artes e pela liberdade de expressão), aposta que “os tentáculos da família Castro seguirão manejando Cuba”. “Não tenho palavras para expressar o dano causado pela Era Castro ao meu povo. Tanta repressão, tanta perseguição, tanta egolatria por parte de Fidel e, depois, de Raúl. Foi um legado de medo”, desabafou.

» Depoimento

Continuidade histórica

Embaixador Rolando Antônio Gómez González

“O 8º Congresso do PCC se veste de enorme importância. Ele teve início na manhã de ontem,

no 60º aniversário da proclamação ao mundo do caráter socialista da nascente Revolução Cubana, por seu líder Fidel Castro Ruz. Também ocorre no marco da celebração da vitória em Playa Girón, quando a invasão mercenária — equipada e financiada pelos EUA — foi derrotada em 66 horas.



Edy Amaro/Esp. CB/D.A Press

Será, sem dúvida, o congresso da continuidade histórica. Ele focará atenção em assuntos centrais da vida política, econômica e social do país, entre os quais se destacam a conceitualização do modelo econômico e social de desenvolvimento e a implementação das diretrizes aprovadas pelo po-

vo, especialmente o que deve ser mudado para Cuba alcançar o socialismo próspero e sustentável. Também serão analisados o funcionamento do partido e seu vínculo com as massas, a atividade ideológica e a situação dos quadros políticos.”

Encarregado de negócios de Cuba em Brasília

aposta em uma nova geração. A previsão é de que o presidente Díaz-Canel seja nomeado primeiro secretário do PCC na segunda-feira. “Sonhar e manter um país: hoje, começa nosso 8º Congresso do PCC, o Congresso da Continuidade”, tuitou.

Em entrevista ao **Correio**, o embaixador Rolando Antônio Gómez González — encarregado de negócios de Cuba em Brasília —

afirmou que, desde 2011, o governo tem introduzido profundas mudanças estruturais e de conceitos do modelo econômico do país, de forma gradual e progressiva. “São transformações destinadas a aprimorar e a preservar o socialismo, ajustado às condições de Cuba. O 8º Congresso do PCC será um pilar determinante para impulsionar e tornar mais eficientes essas mudanças”, explicou.

O diplomata não vê a saída de Raúl Castro do comando do partido como o fim de uma era ou de um legado. “Pelo contrário, nós o assumimos como continuidade, como um processo de mudança geracional em uma revolução de 62 anos, cujo tesouro mais precioso é justamente o legado, as ideias e a liderança de Fidel”, disse Gómez González. Segundo o embaixador, o congresso em Havana busca re-

transmitir a continuidade dos princípios e valores, “que sustentam um projeto nacional independente e soberano, justo e digno, o qual é defendido pela imensa maioria do nosso povo com o PCC na sua vanguarda”, comentou.

Dissidência

Ceticismo e descrença marcam a oposição cubana. “Eu espero



Conexão diplomática

por **Silvio Queiroz** silvioqueiroz.df@gmail.com

Qual é o peso do presidente?

A semana que começa vai marcar algo mais que o primeiro encontro — ainda que remoto — entre o presidente Jair Bolsonaro e o colega dos Estados Unidos, Joe Biden. A participação do Brasil na cúpula global sobre meio ambiente, convocada pela Casa Branca, vai começar a responder o enigma proposto pela troca de comando no Itamaraty. O chanceler Carlos França, promovido a embaixador — o “general” da diplomacia — quando servia no Palácio do Planalto, fará praticamente sua estreia no encontro.

Quem acompanha a política externa brasileira concentrará as atenções, na quinta-feira, no esforço de decifrar a coreografia — se houver alguma — executada pelo Planalto e pelo Itamaraty. A pergunta a responder é qual será o peso específico do

chefe de Estado e do ministro na formulação e (sobretudo) na execução da estratégia para a inserção do país na cena internacional.

Quando escolheu Ernesto Araújo para o comando da diplomacia, Bolsonaro indicou claramente um rumo e delegou a condução prática do setor a um diplomata que, a despeito da trajetória também limitada, jamais foi discreto quanto às próprias convicções. Mais reservado, Carlos França estará sob a atenção de parceiros e observadores que tratam de compreender como ficará o equilíbrio relativo entre Planalto e Itamaraty nos próximos dois anos.

Estado ou governo

No que diz respeito mais especificamente às relações com os EUA, a cúpula ambiental de quinta-feira tende a propiciar uma reconfiguração do governo Bolsonaro em relação ao aliado escolhido como preferencial. Na campanha vitoriosa pela presidência, em 2018, o capitão fez alarde da opção por reorientar a política externa de modo a priorizar o acerto de passo com Washington. Mesmo depois de subir a rampa,

porém, o presidente brasileiro manteve — aos olhos dos círculos diplomáticos — o comportamento “de palanque”. Tomou partido público pela reeleição de Donald Trump, na eleição de novembro passado. Compartilhou o entusiasmo por estratégias de combate à covid que colocaram os dois países, até hoje, nos primeiros postos do ranking de mortes e infecções causadas pela pandemia.

A derrota de Trump para o adversário democrata, que tomou posse em janeiro, foi um dos elementos que debilitaram a posição de Ernesto Araújo, um “bolsonarista ideológico” que tinha o aval do “guru” Olavo de Carvalho.

Clima seco

De uma perspectiva mais imediata, a interação entre Bolsonaro e Biden poderá dar indicações sobre as relações bilaterais. Não faltou quem calculasse, diante da derrota de Trump e da associação do presidente brasileiro a ele, que a troca de guarda na Casa Branca ameaçava o país com uma espécie de “quarentena”. Afora as raízes profundas cultivadas com os EUA, o Brasil tem a seu favor o

peso específico, que se faz sentir nos cenários global e hemisférico. Negócios fluem com impulso entre as duas partes. Mas a política ambiental, algo “escanteada” nos últimos quatro anos, volta a uma posição de destaque na agenda global de Washington na administração Biden.

Antes até das medidas concretas, a posição política assumida na cúpula de quinta-feira poderá facilitar a aproximação.

Tijolo com tijolo

O ambiente virtual, com Biden como anfitrião, será também ocasião para aferir a disposição e a capacidade do governo Bolsonaro para algum tipo de realinhamento, em especial pensando na eleição de 2022. É de esperar, nos próximos dias, um acirramento das polêmicas entre Washington e Pequim na agenda climática.

Tomar distância do Brics, uma construção diplomática da era Lula-Amorim, tem sido um dos eixos centrais da estratégia externa traçada entre Planalto e Itamaraty desde 2019. Observadores europeus, que acompanham de um ponto de vista próprio as conversações, estudam as opções de ali-

nhamento político com americanos e chineses. Contemplam a possibilidade de o Brasil se tornar uma espécie de fiel da balança entre os blocos, mas admitem que esse lugar é bem mais modesto que o ocupado na primeira década e meia do século.

Portunhol

Segue algo difícil a comunicação política e diplomática de Bolsonaro com a vizinhança imediata, em especial com a Argentina. A proliferação da chamada “variante brasileira” ou “amazônica” do coronavírus, associada a uma nova onda pandêmica na América do Sul, recoloca o país na berlinda.

Com fronteiras fechadas ou quase para boa parte dos destinos internacionais, o presidente brasileiro reagiu com o fígado à decisão do colega Alberto Fernández de reimpor medidas rígidas de restrição à circulação de pessoas na Argentina. Acusado por Bolsonaro de colocar “o exército na rua” para “manter o povo em casa”, Fernández ridicularizou a comparação com o estado de sítio e “receitou” a Bolsonaro: “É preciso que expliquem a ele a Constituição argentina”.